

Título: Pós-autonomia e "Otobiografias"

Autor: Jorge Hoffmann Wolff

Resumo:

No início de suas *Otobiographies*, Jacques Derrida afirma, à maneira desconstrutiva, que “a assinatura inventa o signatário”. Trata-se de uma conferência apresentada em 1976 nos Estados Unidos com o enganoso propósito de comemorar o bicentenário da Declaração de Independência norte-americana para falar, na verdade, sobre Nietzsche, Zarathustra e o anti-Cristo: Ecce homo. Nela, Derrida intervém a seu modo no debate em torno do chamado espaço biográfico, sendo o próprio filósofo atravessado pela “marca autográfica” na escritura de seus textos, no modo de ler o outro além de si mesmo. Já a noção de “pacto autobiográfico” devida a Philippe Lejeune, em que o leitor e só o leitor teria o direito de reconhecer ou não o autobiográfico enquanto gênero em cada texto, aparece no ano anterior à conferência de Derrida, o qual responde de algum modo a Lejeune através da noção de *otobiographie*, assim como o faria Paul de Man em sua esteira três anos depois em “Autobiografia como des-figuração”. Diz Derrida: “tudo isto se encontra submetido hoje a reavaliação, tudo isto, quer dizer, o biográfico e o autos da autobiografia”. A pesquisa propõe, portanto, rediscutir e reavaliar a questão do espaço biográfico na literatura, na crítica e na teoria contemporâneas em tempos de “pós-autonomia”.

Em meados dos anos 2000, a ensaísta argentina Josefina Ludmer publicou na internet um polêmico e provocativo texto intitulado “Literaturas pós-autônomas” que abriria uma grande discussão, pró e contra sua proposta. Já no começo do texto Ludmer afirma que tais literaturas ou escrituras não admitem mais leituras literárias e que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura, se são realidade ou ficção. A seu ver, o que importa analisar é como estas escrituras “fabricam um presente” em detrimento de qualquer “registro realista do que ocorreu”. O valor literário, o diagnóstico crítico da qualidade ou falta de qualidade que caracterizou a literatura moderna é sumariamente descartado. Deste ponto de vista, se o antigo e resistente suporte do livro ainda se mantém, inclusive como objeto de desejo dos novos escritores, seus modos de produção e leitura não poderiam mais se basear em critérios tipicamente modernos como os de autor, obra, estilo, texto e sentido. Com isto, estariam condenadas igualmente quaisquer pretensões críticas de emancipação, transgressão e subversão que marcaram as políticas da literatura na modernidade. E esta perda, para Ludmer, é inevitável na mesma medida em que se mesclaram as esferas ou os campos artísticos antes considerados autônomos, desde Immanuel Kant até Pierre Bourdieu. A pesquisa aborda, em consequência e em paralelo, os novos (e velhos) modos de perceber e escrever o (auto)biográfico, assim como os novos (e velhos) modos de pensar a questão da autonomia estética.